

“VENHO DE UM LUGAR ONDE SEMPRE SE VÊ UMA CARAVANA PASSAR”: AS REPRESENTAÇÕES DOS ÁRABES E DO ORIENTE MÉDIO NO FILME ALADDIN DA DISNEY

JÉSSICA PEREIRA DA COSTA*
CRISTINE FORTES LIA**

Considerações iniciais

Desde o alargamento da visão historiográfica sobre o universo de fontes disponíveis ao historiador o cinema ter se apresentado como uma possibilidade de trabalho. Embora tenha sido, por muito tempo, colocado de lado por historiadores mais tradicionais, de acordo com Rossini (2001), o cinema, nos anos trinta passou a ser utilizado como um difusor de ideologias pelos regimes autoritários da Europa, sendo utilizado no mesmo sentido pelos Estados Unidos, construindo percepções e cumprindo uma função quase pedagógica de educar o espectador sobre a postura e a ideologia corretas a serem seguidas.

O filme não retrata o real, ele trabalha com a ideia de real produzido de forma intencional por seus produtores e diretores que expressam valores conscientes e inconscientes da sociedade que o produziu revelando estereótipos, preconceitos, valores, morais, éticas, entre outras coisas.

Vive-se em uma sociedade que vem sendo constantemente bombardeada por imagens em movimento, na qual a indústria cinematográfica leva às telas do cinema construções a cerca de culturas, povos e sociedades e quando se trata de retratar o passado, se apropria deste criando representações que se refletem em imagens que acabam se cristalizando na mente do público. Cria-se o que Saliba (2002) chama de “imagens canônicas”, ou seja, imagens “padrões”, ligadas a situações e momentos das representações de mundo que construímos.

[...] imagens canônicas nos são impostas coercitivamente, daí também serem chamadas de imagens-padrão ligadas a conceitos-chaves de nossa vida social e intelectual. Tais imagens constituem pontos de referência inconscientes, sendo portanto, decisivas em seus efeitos subliminares de identificação coletiva. São imagens de tal forma incorporadas em nosso imaginário coletivo, que as identificamos rapidamente. (SALIBA, 2002, p. 88)

O Oriente Médio faz parte do grupo de saberes que teve construído sobre si uma série de interpretações e de representações que se tornaram “canônicas”, ou seja, são visões

* Graduada em História – Universidade de Caxias do Sul. Mestranda em História – Universidade de Caxias do Sul.

** Doutora em História – PUCRS. Docente e pesquisadora na Graduação e no Mestrado em História na Universidade de Caxias do Sul – UCS.

tradicionais construídas ao longo da Historiografia ocidental a cerca do Oriente e de suas populações. Edward Said (1978) defende que termos como “Oriente” e “Ocidente” são construções humanas, num esforço de auto afirmação ao identificar “o outro” e se distanciar deste. Dessa forma, as sociedades ocidentais,

[...] tiveram uma longa tradição do que vou chamar de Orientalismo , um modo de abordar o Oriente que tem como fundamento o lugar especial do Oriente na experiência ocidental européia. O Oriente não é apenas adjacente a Europa; é também o lugar das maiores e mais ricas e antigas colônias européias , a fonte de suas civilizações e línguas, seu rival cultural e uma de suas imagens mais profundas e mais recorrentes de Outro. (SAID, 1978,p. 28)

Os filmes, de acordo com Barros (2012), podem ser entendidos como meio de representação da sociedade que os produziram como fonte para os Historiadores e como objeto de estudo. Tem-se tornado comum a prática de levar o cinema para a sala de aula, pois acredita-se que exista uma certa “pedagogia da imagem” que possa ensinar mais do que outro tipo de abordagem didática, contudo deve-se ter claro que o filme não pode ser utilizado como atestado de veracidade da fala do professor.

O trabalho com o filme em sala de aula consiste em uma estratégia para o ensino-aprendizagem que visa construir a capacidade de análise e de crítica dos sujeitos envolvidos. Para tanto é necessário que haja a problematização da obra apresentada e que os objetivos do professor ao utilizar o filme sejam claros, para que este possa levar o estudante a desenvolver as competências e habilidades necessárias a sua construção cidadã.

Para analisar a forma como o Oriente Médio e os árabes foram representados no filme Aladdin da Disney, questionar-se-á as formas como a sociedade ocidental construiu percepções e estereótipos, refletindo sobre a existência de uma certa “tradição” de estranhamento ligada a ideia de “outro” que o Oriente carrega aos olhos do Ocidente desde a Idade Média. Para tanto, o filme será tratado como objeto de estudo, mas ao mesmo tempo como fonte para a análise da construção de tais ideias. Pensando na proximidade que o cinema tem tido com a sala de aula graças à práticas educacionais dos professores propor-se-á uma sugestão de estratégia didática utilizando este filme na educação básica.

“Como é bárbaro o nosso lar”: Algumas representações presentes no filme Aladdin

O filme Aladdin pode ser classificado nos gêneros de animação, musical e romance, foi produzido em 1992 e lançado em julho de 1993 pela Disney, dirigido por John Musker e Ron Clements. Ele é um dos filmes que fazem parte do período denominado “renascimento” do estúdio, no qual a Disney voltou a produzir animações de sucesso depois de um certo período sem grandes produções. Os filmes que fazem parte deste período, em sua maioria, foram baseados em histórias clássicas que foram reapresentadas ao público através do olhar do estúdio.

Tornou-se o filme mais bem sucedido do ano de 1992, faturando mais de 217 milhões de dólares nos EUA e mais de 504 milhões de dólares no mundo todo, embora tenha recebido críticas positivas sofreu processos das comunidades árabes, que o consideraram racista e ofensivo. O seu sucesso gerou uma série animada para a televisão que é popular entre crianças e jovens até hoje. O filme cria e recria representações de mundo e no caso de Aladdin, cria imagens a cerca dos árabes que contribuem para a construção de um estereótipo.

Esta produção foi baseada na história de “Aladdin e a lâmpada maravilhosa” que faz parte da obra “As mil e uma noites”. O filme conta a história de Jasmine, uma princesa árabe, filha única do Sultão que deseja que ela se case. A princesa, tentando evitar o casamento obrigatório foge do palácio e encontra, por acidente, um jovem e bondoso ladrão, pelo qual se apaixona. Este jovem é Aladdin que após saber que a moça pela qual se apaixonara era uma princesa, busca riquezas para ficar a altura da moça. Nessa busca ele encontra uma lâmpada mágica na qual encontra-se um gênio que pode realizar todos os seus desejos. O vilão do filme é Jafar, o vizir do sultão que planeja tomar o poder do reino.

O recorte geográfico que a história do filme dá é a cidade fictícia de Agrabah, localizada na Arábia, que pode-se supor tratar-se do que geograficamente conhecemos como Península Arábica, região localizada na junção do continente africano com o asiático, a leste da Etiópia, ao norte da Somália, ao sul da Palestina e ao sudoeste do Irã, contudo ele não delimita exatamente onde o reino do Sultão está ou até onde ele possui domínio, assim como não fica claro o recorte temporal apresentado.

Algumas vezes durante o filme pode-se ter a noção de que a História se passa antes da ascensão do Islã. Como na cena na qual Jasmine e Aladdin passam voando com um tapete durante a construção da Esfinge de Gizé no Egito Antigo, contudo, em outras diversas passagens parece que a História apresentada é contemporânea ao nosso tempo, como quando

o gênio utiliza-se de aparelhos tecnológicos para resolver problemas ou realizar os pedidos de Aladdin.

Este diacronismo temporal apresentado na animação confunde a percepção das crianças e adolescentes espectadores que acabam assimilando que a história pode estar retratando algo que faz parte da atualidade ajudando a construir o estereótipo de árabe como exótico, pois é aquele que possui a magia no seu dia-a-dia ou como um povo misterioso e encantado que eram vizinhos dos egípcios.

A História fala dos árabes, mas quem são ou o que são os árabes não fica claro, tem-se a impressão de que eles são os povos que vivem na Arábia, um lugar que fica no meio do deserto, onde é quente, existem palácios, nos quais animais selvagens, como tigres, são tidos como animais de estimação, onde existem gênios capazes de realizar qualquer desejo através de aparelhos tecnológicos, onde a força policial da cidade está armada com grandes espadas e é atacada com magia por um homem que é claramente maligno mas que não tem suas maldades descobertas pelo governante, o Sultão, que é muito ingênuo beirando a infantilidade.

Também não fica clara a heterogeneidade das populações do Oriente Médio que não é formada apenas por árabes e sim por populações e culturais diversas, bem como prevê uma homogeneidade entre os árabes que não existe, visto que mesmo populações árabes possuem diferenças religiosas e culturais umas com as outras, sendo um exemplo a relação entre os árabes cristãos e os muçulmanos em países como o Egito. Desta forma, não se tem claro a definição de árabe o que pode levar a interpretações equivocadas sobre as sociedades do Oriente Médio ou do deserto classificando todas como árabes.

O sultão é mostrado como o governante máximo do reino que, ao invés de administrar os problemas da cidade (como crianças órfãs desabrigadas, roubos e invasões), passa seu tempo brincando com bonequinhos de plástico e com um papagaio. Ele é facilmente manipulável por seu vizir, o vilão da história, que deseja tomar o poder casando-se com Jasmine. Este se utiliza de artimanhas malignas que envolvem magia, suborno e trapaça para conseguir o que deseja, reforçando um imaginário negativo a cerca dos árabes.

De acordo com os produtores do filme a estética do personagem Aladdin foi inspirada no ator Tom Cruise, dando a ele traços reconhecidamente ocidentais, assim como a princesa Jasmine e o Sultão. Suas animações possuem feições ocidentalizadas e a coloração de suas

peles é mais clara quando comparados aos vilões do desenho e aos guardas do palácio que perseguem Aladdin. Estes possuem feições mais próximas dos povos do Oriente Médio e a coloração de suas peles é mais escura. Essa diferenciação reforça a noção preconceituosa do árabe como mau, dando base para preconceitos étnicos através do uso de imagens que, mesmo que de forma inconsciente, produzem sentidos naqueles que as assimilam.

Said(1978) ressalta que o mundo ocidental reforçou seus preconceitos em relação ao Oriente a partir dos meios de comunicação, que reforçam padronizações de ideologias preconceituosas no que diz respeito ao Oriente Médio, os árabes, o Islã, entre outros.

No que diz respeito ao Oriente , a padronização e os estereótipos culturais intensificaram o domínio da demonologia imaginativa e acadêmica do “misterioso Oriente” do século XIX. Em nenhum lugar isso é mais verdade do que na forma como o Oriente Próximo é compreendido. [...] transformar até a mais simples percepção dos árabes e do Islã numa questão altamente politizada , quase estridente: primeiro, a história do preconceito popular contra os árabes e o Islã no Ocidente que reflete diretamente na história do Orientalismo. (SAID, 1978, p. 58)

Imagens 1 e 2¹



Esta animação ganhou o Oscar de melhor trilha sonora e de melhor canção original para "A Whole New World" e recebeu mais três indicações a estatueta. Embora tenha recebido muitas críticas positivas sofreu duras críticas das comunidades árabes nos Estados Unidos por terem considerado a obra racista, especialmente por conta de uma música de sua trilha sonora chamada “Noites da Arábia” que, após o estúdio sofrer processos, foi modificada.

Na letra original cantava-se, no começo do filme: “Venho de um lugar onde sempre se vê uma caravana passar/ Vão cortar sua orelha se não gostarem do seu rosto/ para mostrar

¹Imagens retiradas do filme MUSKERE, John; CLEMENTS,Ron. **Aladdin** [Filme-vídeo] Produção de Walt Disney Feature Animation, Direção de John Muskere e Ron Clements. Estados Unidos, Walt Diney Pictures, 1992. 90 min. Animação/musical.

para você/ Como é bárbaro o nosso lar”, ²após os processos a estrofe da canção foi modificada para : “Venho de um lugar onde sempre se vê uma caravana passar/ é uma imensidão, um calor de exaustão/ para mostrar para você/ Como é bárbaro o nosso lar”. Contudo na versão animada feita para a televisão e transmitida no Brasil a canção foi dublada e gravada com a letra original, sendo esta música a abertura do desenho.

Essas referências de bárbaro, além de reafirmar a ideia de exótico confirmam a noção construída sobre os povos árabes como perigosos. A canção continua dizendo: “Sopram ventos do leste/E o sol vem do oeste /Seu camelo quer descansar/Pode vir e pular/No tapete voar/Noite Árabe vai chegar/A Noite na Arábia/E o dia também/ É sempre tão quente/Que faz com que a gente/Se sintam tão bem/Tem o belo luar/E orgias demais/Quem se distrair/Pode até cair/Ficar para trás.”

Outras concepções interessantes aparecem nesta canção como a referência à magia e ao exotismo dos árabes que pulam e voam em tapetes mágicos e a referência de que há “orgias demais”. Tratando-se de um filme infantil, com classificação etária livre a referência a orgias é no mínimo estranha, mas isso apenas reafirma o estereótipo que se relegou aos povos árabes e do Oriente Médio desde a antiguidade, cercado de estranhamento e envoltos em uma áurea de exotismo.

O mundo não ocidental confunde-se na animação. Tem-se a impressão de que tudo que é místico, mágico ou exótico provém dos árabes como encantadores de serpentes, homens que deitam sobre camas de pregos e engolidores de fogo, contudo é importante ressaltar que esse imaginário que é veiculado pelo filme não corresponde a tradições dos povos árabes e sim dos povos indianos, assim como o palácio de Agrabah, inspirado no mausoléu da cidade de Agra na Índia, o Taj Mahal, embora sua arquitetura e estética correspondam a cultura islâmica daquele país, o que percebe-se no filme é uma homogeneização de culturas não ocidentais que criam representações errôneas e equivocadas dos povos do Oriente Médio e da Índia.

A violência é outro fator que, na obra cinematográfica, acaba sendo ligada constantemente aos árabes. Quando estes perseguem Aladdin com facas e facões, dispostos a feri-lo por este roubar um pedaço de pão, dando a ideia de que a justiça, na Arábia se faz com

² Título em inglês: *Arabin Nights*. Compositores: Howard Ashman e Tom Rice. Versão em Português interpretada por: Marcus Menna.

“as próprias mãos”, onde não há lei ou julgamento. Essa situação também fica evidente na cena em que um comerciante de maçãs tenta cortar a mão de Jasmine por esta ter pegado uma maçã de sua tenda para dar a uma criança.

Este comerciante, representado com traços árabes marcantes e com um olhar cruel exige o pagamento da filha do sultão sem reconhecê-la e ao constatar que a moça não tem dinheiro agarra o braço da moça puxando uma faca afirmando que “essa é a pena para os ladrões”, ou seja, não há sistema judiciário, a lei na Arábia se aplica de forma diferente, onde uma pessoa pode perder a mão por cometer um crime como roubar uma fruta, reforçando o estereótipo negativo dado a população do Oriente Médio em contraste com os “costumes ocidentais”.

Imagens 3 e 4³



A imagem que o filme traz das personagens femininas gira em torno da sensualidade e da sexualidade. As mulheres do filme, se jovens e magras são representadas com vestes provocantes (top e véus) e coloridas, dançando sensualmente, no caso de serem mais velhas e/ou estarem acima do peso são retratadas com vestidos longos com mangas compridas de cores pálidas como marrom e amarelo. O véu sobre o cabelo aparece em algumas situações, como na qual Jasmine sai escondida do palácio para explorar o mercado da cidade, mas não parece ser uma obrigatoriedade. Estas imagens reforçam a idéia de sensualidade da mulher árabe, envolta em véus, danças sensuais e haréns, nos quais a figura feminina fica relegada a um status de objeto, pronto para suprir os desejos de homens poderosos.

³ Cena do filme, mostra o momento em que Jasmine é ameaçada de perder a mão por roubar uma maçã. Idem 2.

Além disso, o fato da história girar em torno da necessidade de Jasmine se casar por ser a única herdeira do Sultão, ou seja, uma mulher não poderia governar. Por vezes no filme o governante lastima ter uma filha mulher, o que gera a percepção de que as mulheres não possuem participação política dentro das sociedades do Oriente Médio reforçando noções preconceituosas.

Possibilidades para a sala de aula

Tradicionalmente o Oriente Médio é trabalhado na educação básica em recortes históricos bem delimitados que expressão uma tradição eurocêntrica de estudo e interpretação da História. São estes: Os povos da Antiguidade (Egípcios, Fenícios, Hebreus, Mesopotâmicos, entre outros); Durante o período denominado Idade Média com o “surgimento” e ascensão do Império islâmico, durante as Cruzadas e após isso, o Oriente Médio volta a ser tratado apenas quando abordam-se os conflitos contemporâneos.

É sabido que nem todos os professores seguem essa lógica de interpretação dos fatos históricos, contudo é sabido que a maioria das escolas no Brasil adota essa divisão cronológica e linear baseada em uma História Europeia para a construção de seus currículos, tendo isso em vista a proposta didática para o trabalho em sala de aula com a obra cinematográfica analisada neste artigo pode ser adequada a diferentes temáticas e recortes temporais, dependendo da necessidade do professor, desta forma, esta atividade pode ser trabalhada a partir de diversos recortes temporais.

Sugere-se que os alunos tenham acesso ao discurso proferido pelo presidente norte-americano George W. Bush logo após os atentados de 11 de setembro de 2001. Neste discurso, o ex-presidente inflama a população à “uma nova cruzada”, contra os infiéis.

A partir da análise deste discurso deve-se estimular os alunos a debaterem sobre os motivos de Bush ter-se utilizado desta metáfora e com este debate deve-se sugerir que os alunos pesquisem sobre as cruzadas medievais e tragam para a sala de aula os discursos utilizados pelos papas para incentivar os soldados cristãos e justificar os ataques aos árabes naquela época.

Após este exercício pode-se sugerir a análise de conceitos que estão presentes nesses discursos, como “infiel”, “inimigo”, “bárbaro”, diferenciando “árabe” e “muçulmano” entre

outros para proporcionar a problematização a cerca da forma como a sociedade ocidental vem construindo seus inimigos, caracterizando-o na imagem do árabe muçulmano, seja ele como infiel ou como terrorista.

Pode-se questionar sobre as propagandas ideológicas utilizadas para justificar ataques, ideologias essas que além de justificar ações agressivas produzem uma série de sentidos e de estereótipos a cerca daqueles que são considerados indesejáveis ou perigosos, fomentando preconceitos.

Após este debate, sugere-se que seja distribuído a ficha técnica com alguns detalhes sobre a produção do filme Aladdin e exibido os primeiros quatro minutos deste, no qual a música “Noites da Arábia” toca. Deve-se apresentar as duas versões, a original e a que sofreu modificações após processos das comunidades árabes.

A leitura problematizadora da ficha técnica após a exibição deste recorte do filme pode proporcionar aos alunos noções a cerca da construção da imagem do árabe e das populações do Oriente Médio voltada para as crianças e os adolescentes do mundo ocidental, tendo em vista a influência da Disney, não apenas nos Estados Unidos mas no mundo Ocidental, tornando possível compreender o papel ideológico que as produções cinematográficas possuem na construção e manutenção de estereótipos e preconceitos dentro da sociedade que os produziu.

Esta atividade exige um trabalho prévio junto aos alunos dentro do tema estudado, independente de seu recorte espacial ou temporal para proporcionar aos alunos aportes teóricos suficientes para que estes sejam capazes de realizar as pesquisas e debates necessários. Indica-se o trabalho com o Ensino Médio, devido ao nível de problematizações necessárias, mas essa avaliação deve ser feita pelo professor que entende as especificidades de suas turmas e alunos.

A utilização completa do filme pode ser feita, mas para esta mobilização didática, não é aconselhável. Defende-se que o filme, entendido como ferramenta didática, não precisa ser utilizado integralmente desde que o professor tenha clareza de seus objetivos pedagógicos para o uso do cinema na sala de aula, assim, os recortes são determinados por esses objetivos.

Como forma de sistematização desta atividade sugere-se que os alunos elaborem pequenos textos dissertativos, crônicas ou artigos de opinião que expressem suas conclusões a

cerca das idéias propagadas pelas mídias na construção de inimigos, que podem ser reunidos e publicados em forma de revista ou blog.

Considerações possíveis

A educação e o ensino de História possuem papel fundamental na formação de cidadãos menos preconceituosos, mais críticos e participativos na sociedade. Tem a função de desenraizar preconceitos, problematizar estereótipos e questionar ideologias. O estudo do Oriente Médio e a compreensão de sua heterogeneidade cultural e de práticas sociais contribuem para a aceitação do “Outro” e a compreensão desta diversidade estimulando o respeito.

Impõe-se a necessidade de compreender o outro atrás de seus véus e templos, rituais e orações. Entender aspectos e a originalidade das religiões, as formas de mobilização e como se situam no tempo e no espaço, é tarefa urgente dos professores e educadores preocupados com a tolerância fundamental para o respeito entre pessoas e memória histórica (SILVA, 2010.p.206)

Existe uma tradição de estranhamento construída a cerca do Oriente pelo Ocidente desde a Idade Média, ideia esta que contribuiu pra a auto-afirmação do Ocidente mas que também relegou ao Oriente o status de diferente e distante. Criou-se o inimigo, o contra-ponto essencial que produziu e produz preconceitos baseados em estereótipos que foram construídos ao longo da História e continuam sendo reforçados seja através dos discursos midiáticos, jornalísticos, políticos e imagéticos. Dentro desta percepção, faz-se necessário trabalhar com os filmes que ajudam a construir essas noções em sala de aula, buscando preparar o aluno para filtrar, de forma crítica, essas ideias estereotipadas.

[...] para (Marc) Ferro há diferentes versões da História circulando entre os membros da sociedade e que foram assinadas pelos cineastas , mas que nem sempre são referendadas pelos historiadores. [...] hoje vem sendo cada vez mais utilizadas em sala de aula (as representações do passado de cineastas) por professores que nem sempre que nem sempre estão preparados para ler as composições imagéticas[...] (ROSSINI, 2001. p.125)

O filme Aladdin, produzido pela Disney em 1992, consta como mais um exemplo da taxação sofrida pelos povos do Oriente Médio, no qual imagens de violência e radicalismo misturam-se com as de encantamento e misticismo distanciando uma relação com o Oriente

que nos é muito próxima, mas que as representações elaboradas a cerca destas culturas fazem parecer distante.

Reafirma-se que é necessário traçar objetivos claros para o uso do filme na sala de aula, e este uso deve estar encadeado em uma série de estratégias mais amplas para o ensino-aprendizagem. O filme não pode ser utilizado como atestado de realidade ou como ilustração da fala do professor, muito menos como momento lúdico. Ele é mais uma, entre as estratégias e as mobilizações que o professor pode utilizar na sua prática pedagógica para estimular a construção do ensino-aprendizagem.

Estimular o olhar de uma História problematizadora (PINSKY, 2012)⁴, que não “ensine” mas sim, “leve a aprender” ou “estimule o aprendizado” pode ser uma das respostas aos anseios apresentados por uma sociedade que clama por mais respeito e tolerância.

Referências Bibliográficas

- BARROS, José D'Assunção. **Cinema e História: entre expressões e representações**. In: NÓVOA, Jorge; BARROS, José d'Assunção (org.) Cinema e História: teoria e representações sociais no cinema. 3ed. Rio de Janeiro: Apicuri, 2012. (p.55-105)
- HOURANI, Albert. **Uma história dos povos árabes**. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.
- MORETTIN, Eduardo. **O cinema como fonte histórica na obra de Marc Ferro**. In: CAPELATO, Maria Helena [et al.](org.) História e Cinema: Dimensões históricas do audiovisual. 2ed. São Paulo: Alameda, 2011. (p.39-64)
- MUSKERE, John; CLEMENTS, Ron. **Aladdin** [Filme-vídeo] Produção de Walt Disney Feature Animation, Direção de John Muskere e Ron Clements. Estados Unidos, Walt Diney Pictures, 1992. 90 min. Animação/musical.
- PINSKY, Jaime (Org.) **O ensino de História e a criação do fato**. São Paulo: Contexto, 2012.
- ROSSINI, Miriam de Souza. **Cinema e História: Uma abordagem Historiográfica**. In: ALTMANN, Werner (Ed.). História Unisinos – número especial. São Leopoldo: Unisinos, 2001. (p. 137-148)
- SAID, Edward W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. Trad. Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007

⁴ Embora não tenha sido trabalhado amplamente este conceito de História-problema ou História Problematizadora durante este artigo, a concepção de Ensino de História que o pautou foi baseado na percepção de que o ensino de História deve ser construído conjuntamente com o aluno, no qual este é sujeito nos processos de ensino-aprendizagem no qual deve elaborar e reelaborar o conhecimento estudado, de forma crítica e participativa. Como referência para estas afirmações foram utilizados textos do livro “O ensino de História e a Criação do fato”, citado nas referências bibliográficas ao fim deste artigo.

SALIBA, Elias Thomé. . As imagens canônicas e o ensino de História. In: **III Encontro Perspectivas do Ensino de História**, 1999, Curitiba. UFPR, 1998.

SILVA, Eliane Moura da. Estudos de Religião para um novo Milênio. In: KARNAL, Leandro (Org.). **História na Sala de Aula: Conceitos, Práticas e Propostas**. São Paulo: Contexto, 2010. p.205 -215